

Polícia

Líder rural é assassinado

Corpo de ex-presidente da Associação dos Camponeses é achado em lagoa de Campo Alegre, em Nova Iguaçu

Marcos Nunes
jnunes@extra.inf.br

► Uma disputa por terras pode estar por trás do assassinato do ex-presidente da Associação dos Camponeses e Produtores do bairro Mato Grosso, em Nova Iguaçu, Geraldo Carlos Machado, de 70 anos. Desaparecido desde o último dia 18, o corpo do líder rural foi retirado, ontem, de uma lagoa, no bairro do Campo Alegre, em Nova

Iguaçu. De acordo com o pedreiro Alexandre Carlos Machado, de 40, um dos seis filhos de Geraldo, o cadáver do pai estava com um ferimento nas costas.

Segundo o pedreiro, o líder rural teve um desentendimento com um homem, no dia em que desapareceu.

— Meu pai era muito atuante na região. Ele era possessor do terreno, onde construiu um sítio, desde 1984.

Soube que, pouco antes de desaparecer, ele discutiu com um homem que tentou invadir este sítio — disse Alexandre.

O pedreiro prestou depoimento, ontem, na 56ª DP (Comendador Soares). Ele contou que soube do desaparecimento do pai no último domingo, quando recebeu um telefonema de uma pessoa conhecida. No fim do mesmo dia, ele e o irmão Carlos Alberto Machado, de 36, foram até o sítio e encontraram o corpo a dois quilômetros de distância do terreno.

— Uma conhecida ligou e disse que o meu pai não esta-

va sendo visto no sítio. Fomos à casa que ele estava reformando na propriedade e encontramos o chapéu e o relógio dele. Estranhamos, porque meu pai não costumava sair de casa sem estes dois objetos. Então, começamos a procurar pela região onde fica o sítio. Próximo da lagoa, avistamos um grupo grande de urubus. Fomos ver de perto e encontramos o corpo do nosso pai. Como é um local muito distante, no meio de uma área rural, só hoje (ontem) nós conseguimos avisar a Polícia Civil sobre o assassinato — afirmou Alexandre Carlos. x



Geraldo: encontrado morto

Militante gay denuncia ataque em Nova Iguaçu

► Secretário de comunicação do Grupo Gay 28 de Junho, o agente de endemias Eugênio Ibiapino, de 50 anos, disse, ontem, ter sido atacado por um bando homofóbico, na madrugada de sábado, em Nova Iguaçu. Segundo Ibiapino, que registrou o caso na 56ª DP (Comendador Soares), um grupo formado por seis jovens usou uma motocicleta para arrombar o portão da casa onde mora, no bairro Jardim Palmares.

Em seguida, os agressores arremessaram tijolos que atingiram uma cama, no quarto onde dorme. Para não ser ferido, Eugênio procurou abrigo no banheiro da casa. O ataque teve início por volta das 5h30m de sábado, quando o grupo começou a chutar o portão do imóvel.

— Os jovens passaram a noite bebendo. Primeiro, vie-



Ibiapino teve o portão da sua casa destruído por seis jovens

ram os chutes no portão. Depois, arrombaram a entrada aos gritos de “chegou sua hora, você vai morrer!” Foi um ataque gratuito, por eu ser ativista gay. Foram dez minutos de tijoladas. Neste tempo, me escondi no banheiro. Só não morri porque vizinhos me socorreram — disse Ibiapino.

O caso será investigado pelo delegado André Pieroni, da 56ª DP. Ibiapino disse que pretende se mudar do bairro. Ele adiantou ainda que fará uma denúncia formal ao Centro de Referência e Combate à Homofobia.

—Estou apavorado e vou sair do bairro o mais rápido possível — concluiu. x

Pais de publicitária prestam depoimento

Marina Navarro Lins
marina.lins@extra.inf.br

► Os familiares da publicitária Patrícia Gomes Avilla, de 25 anos, encontrada morta na última sexta-feira, em Queimados, prestaram depoimento na 55ª DP ontem. O pai da vítima, Eduardo Avilla, disse que a filha era alegre e não tinha inimigos.

Patrícia saiu de casa na Penha, Zona Norte do Rio, quinta-feira, para ir a uma clínica de estética em Irajá, mas não apareceu na consulta. O corpo dela foi encontrado em um terreno baldio de Queimados, com um tiro na nuca. O carro da publicitária, um Palio prata, foi rastreado e recuperado após uma troca de tiros com criminosos, em Angra dos Reis. Os suspeitos fugiram.

Segundo Eduardo, a empresa responsável pelo serviço de rastreamento só liberou o GPS após o registro do

boletim de ocorrência, o que demorou 40 minutos.

— Isso me deixou muito chateado, porque quando houve a liberação do local onde estava o carro dela, já tinha passado muito tempo. A polícia descobriu que o veículo estava a 90 km/h, em

«Ela era alegre, divertida e muito amada. Não tinha como ter inimigos»

Eduardo Avilla
Pai da publicitária

Bangu, mas já era muito tarde — afirmou Avilla

O delegado titular da delegacia, Daniel Mayr, afirmou que a polícia vai analisar o trajeto feito pela vítima através do GPS e procurar informações junto às instituições financeiras para saber se os cartões de bancos da publicitária foram utilizados. x